

# ECONOMISTA DA MERRILL LYNCH DEFENDE O BRASIL

## ENTREVISTA

a Ugo Braga e  
Vicente Nunes  
Da equipe do Correio

*Ele não é somente mais um brasileiro bem sucedido no exterior. Doutor em Economia pela Universidade de Harvard, Alexandre Koch de Assis é diretor-executivo da Merrill Lynch, uma das maiores corretoras de valores do mundo. Atualmente, coordena projetos da Merrill Lynch no Brasil. Por isso, vive na ponte-aérea São Paulo-Nova York. Trabalha discutindo com investidores como andam as economias de vários países e sua palavra influencia a aplicação de trilhões de dólares da poupança dos norte-americanos.*

*No intervalo de uma mesa redonda promovida ontem pela associação dos fundos de pensão brasileiros, em Brasília, Koch de Assis concedeu esta entrevista exclusiva ao Correio Braziliense. Nela, o economista diz que o Brasil está no caminho certo e critica o Fundo Monetário Internacional (FMI), que andou alertando os investidores mundiais a respeito das contas externas brasileiras.*

*"O FMI está ultrapassado", afirma. "Acha que todos os países são iguais." Koch diz que não e ainda prega que o Brasil vai se beneficiar com a crise dos Tigres Asiáticos.*

# Alexandre Koch de Assis

*"Esse negócio de dizer que todos os países que têm déficit em conta corrente também terão problemas cambiais é a mesma coisa que dizer que todas as loiras são bonitas"*

Correio Braziliense — O que o senhor acha da afirmação dos técnicos do Fundo Monetário Internacional (FMI) de que o déficit nas contas externas do Brasil é preocupante?

Alexandre Koch de Assis — O FMI está falando coisas óbvias. O governo brasileiro já diz há algum tempo que precisa fazer o ajuste fiscal, passar a arrecadar mais que gastar, e que só depois disso vai reverter o déficit nas transações correntes. O Fundo está atrasado.

Correio — Então, os investidores estrangeiros não acham a situação preocupante?

Assis — Os investidores acham que o fundamental é o grau de coesão dos economistas do governo, o que é inédito no país. Em termos de Brasil, isso é encorajador. Olha, esse negócio de dizer que todos os países que têm déficit em conta corrente também terão problemas cambiais é a mesma coisa que dizer que todas as loiras são bonitas. Nem todas elas são e nem todos os países com problemas nas contas externas obrigatoriamente terão problemas cambiais.

Correio — Quais as diferenças do Brasil em relação aos Tigres Asiáticos que enfrentam crises cambiais desde junho?

Assis — São realidades diferentes. Os países da Ásia viviam uma experiência de crescimento de dez anos seguidos em suas economias. Isso sem mercado interno, o que provocou um movimento forte de especulação imobiliária por excesso de crédito. Só para se ter uma idéia, a relação crédito/Produto Interno Bruto (PIB) na Tailândia (primeiro país atingido pelos especuladores no sudeste asiático) chegou a 150% pouco antes da crise. No Brasil, hoje, beira os 30%. O Brasil vai mesmo é se beneficiar com a crise na Ásia. Aqui tem algo que lá nunca teve: dirigentes preocupados ao mesmo tempo com privatização, equilíbrio macroeconômico, estabilidade política, abertura da economia.

Correio — O que o senhor acha da proposta dos economistas do FMI de liberar

Tina Coelho



Koch diz não ter dúvidas de que o Brasil, num futuro não muito distante, ainda vai se beneficiar com a crise cambial nos países do Sudeste Asiático

o movimento de capitais pelo mundo?

Assis — Sinceramente, acho que o FMI vai dizer isso sempre. É algo em que eles acreditam. Uma espécie de dogma. Só que já existe uma certa liberdade. O dinheiro externo que vem para o Brasil, por exemplo, vem por vontade própria, absolutamente voluntário. A última vez que veio à força foi na renegociação da dívida externa. E já se vai algum tempo. Agora, não. Os investidores estão aplicando aqui porque acham lucrativo.

Correio — Mas o Brasil cobra 2% de imposto aos investidores que trazem capital de curto prazo, aquele considerado especulativo porque sai do país tão rápido quanto entra...

Assis — Mas isso é adequado ao momento. Por enquanto está bom. Mais na frente, quando a estabilização estiver mais segura, é importante que haja uma flexibilização nas regras. O processo tem que amadurecer.

Correio — O que se discute na Merrill Lynch, uma das maiores instituições financeiras do mundo, sobre o Brasil?

Assis — Falamos muito sobre macroeconomia, sobre por quê as reformas demoraram tanto a andar no Congresso e até sobre reeleição.

Correio — Reeleição?

Assis — É, mas eu não vou fazer nenhum comentário sobre isso com vocês. Posso dizer somente que a Merrill Lynch trabalha com a possibilidade de um cenário parecido com o

que está hoje aí. Discutimos muito lá em Nova York sobre a velocidade do que está sendo feito, a velocidade das reformas. Mas não falamos especificamente sobre o que está sendo feito. Lógico que dá para perceber que concordamos com o que o governo está fazendo.

Correio — Como a Merrill Lynch está representada no Brasil?

Assis — Temos um escritório aqui desde 1972. Há três anos, foi fundada a Merrill Lynch Distribuidora de Valores, que foi transformada em banco múltiplo em julho do ano passado.

Os planos são de fortalecer a atuação como banco de investimentos, mas não temos o menor interesse em funcionar como banco comercial, na área de varejo. Traba-

lhamos basicamente com ações, debêntures e derivativos. Para se ter uma idéia, a Anbid (Associação Nacional dos Bancos de Investimento e Desenvolvimento) divulgou um ranking no fim do ano passado. Esse ranking tinha uma categoria chamada Distribuição Secundária de Ações Associadas a Derivativos (tipo de aplicação mais agressiva na compra e venda de ações) e nós já estávamos em primeiro lugar.

Correio — Isso quer dizer que a Merrill Lynch planeja aumentar sua participação no mercado brasileiro?

Assis — O Brasil tem 45% da nossa representação na América Latina. Em segundo lugar vem o México, mas com somente 20%. Estamos bem representados no país.